

“O football não tem culpa”:

a queda da arquibancada do São
Cristovão e os dilemas do futebol
profissional do Rio de Janeiro
nos anos 1940

“Football is not to blame”:
the collapse of the stands of
São Cristovão and the dilemmas
of professional football in
Rio de Janeiro in the 1940s

RENATO COUTINHO

Doutor em História Social pela Universidade Federal
Fluminense e Professor Adjunto de História do Brasil
Republicano no Instituto de História da Universidade
Federal Fluminense.

coutinho@hotmail.com

RESUMO: No início dos anos 1940, o futebol profissional carioca dava os seus primeiros passos. Não foram tempos fáceis. Jogos desinteressantes, times desnivelados e estádios acanhados afastavam o público e despertavam calorosos debates na imprensa sobre os rumos do desporto na cidade. Em 1943, um acontecimento trágico ampliou o debate sobre a organização do futebol profissional. Em um jogo entre São Cristóvão e Flamengo realizado no estádio da Rua Figueira de Melo, as arquibancadas de madeira superlotadas cederam e mais de duzentos torcedores ficaram feridos. A comoção popular abriu caminho para o fortalecimento de uma campanha que envolveu jornalistas, clubes e até o presidente da República, Getúlio Vargas, para a construção de um novo estádio na cidade. O objetivo deste artigo é investigar a cobertura jornalística de um dos maiores acidentes da história do futebol da cidade do Rio de Janeiro ocorrido em 1943, analisando como essa tragédia esteve articulada aos dilemas da profissionalização do futebol na cidade e acabou sendo um dos principais fatores para a construção do Estádio Municipal do Rio de Janeiro, que anos depois ficou conhecido como Maracanã.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol Profissional. Rio de Janeiro. Estádio Municipal.

ABSTRACT: In the early 1940s, professional football in Rio de Janeiro was taking its first steps. Those were not an easy times. Uninteresting games, weak teams and small stadiums alienated the public and aroused heated debates in the press about the direction of sport in the city. In 1943, a tragic event broadened the debate about the organization of professional football. In a game between São Cristóvão and Flamengo, played in the stadium of street Figueira de Melo, stands overcrowded fell and more than a two hundred fans were injured. A popular action strengthened a campaign involving journalists, clubs and even the President of the Republic, Getúlio Vargas, for the construction of a new stadium in the city. The purpose of this article is to investigate the journalistic coverage of one of the greatest accidents in the History of football in the city of Rio de Janeiro that occurred in 1943, analyzing how this tragedy was linked to the dilemmas of professionalization of soccer in the city and ended up being one of the main factors for a construction of the Municipal Stadium of Rio de Janeiro, which years later became known as Maracanã.

KEYWORDS: Professional Football. Rio de Janeiro. Municipal Stadium.

No dia 19 de julho de 1992, Flamengo e Botafogo se enfrentaram no Maracanã no jogo decisivo do campeonato brasileiro. O empate em dois a dois favoreceu o Flamengo, que foi o vencedor da primeira partida da decisão realizada uma semana antes no mesmo local. Mais de cento e vinte mil torcedores estiveram no estádio para assistir ao clássico carioca que garantiu o quinto troféu de campeão nacional para o rubro-negro da Gávea.¹ O jogo marcou também o fim das grandes conquistas do último remanescente da geração vitoriosa dos anos 1980: o jogador Junior, que naquela ocasião, com 38 anos de idade, havia recebido o carinhoso apelido de “vovô-garoto”.

Porém, a final que teve grandes proporções de público e rivalidade, acabou sendo marcada por um acontecimento trágico fora do campo. Essa tragédia é lembrada até os dias atuais em cânticos de provocação aos torcedores do Flamengo que dizem: “oh balancê, balancê, escute o que eu vou te dizer, festa na Raça está em extinção, vocês viram na televisão.”² O que foi visto na televisão foi a queda de dezenas de torcedores da arquibancada em cima das cadeiras do estádio. Antes da partida, um tumulto ocorrido na torcida organizada Raça Rubro-Negra fez com que os torcedores, já em grande número dentro do estádio, corressem e se espremessem contra a grade de proteção da arquibancada. A estrutura metálica já desgastada pela falta de manutenção cedeu e diversos torcedores caíram de sete metros de altura, esmagando as pessoas que estavam embaixo. Mesmo com três mortos e mais de oitenta feridos, o jogo foi realizado com o respaldo de dirigentes e das autoridades de segurança pública.

Mais de vinte e cinco anos depois, matérias jornalísticas ainda são publicadas sobre o assunto³ e as torcidas de Vasco, Botafogo e Fluminense seguem cantando os versos sobre o acidente. A tragédia de 1992 ainda é lembrada pela imprensa especializada e pelo público do futebol. E partindo desse esforço de lembrar 1992, podemos perceber em todas as efemérides que retomam esse caso o esquecimento de um acontecimento muito semelhante que ocorreu no Rio de Janeiro décadas antes. Um acontecimento que envolveu a mesma torcida e que também teve enorme repercussão nos meios de comunicação da época: a queda da arquibancada do campo do São Cristóvão na Rua Figueira de Melo em 1943.

O objetivo deste artigo é investigar a cobertura jornalística de um dos maiores acidentes da história do futebol da cidade do Rio de Janeiro ocorrido em 1943, analisando como essa tragédia esteve articulada aos dilemas da profissionalização do futebol na cidade e acabou sendo um dos principais fatores que mobilizou imprensa, clubes e governo para a construção do Es-

tádio Municipal da cidade, que anos depois ficaria conhecido como o Estádio do Maracanã.

O “cansaço” do público: os dilemas do futebol profissional carioca nos anos 1940

A historiografia sobre o desporto no Brasil tem dedicado bastante atenção ao processo de profissionalização das relações de trabalho entre clubes, entidades desportivas e atletas nos anos 1930.⁴ Os estudos se concentram nos embates entre os defensores dos projetos amadoristas e profissionalistas que disputavam o controle das ligas e federações do desporto brasileiro. Essa disputa promoveu clivagens entre facções de dirigentes, mobilizou a imprensa e jogadores, e contou até mesmo com a intervenção direta do Estado Nacional a fim de apaziguar as cisões nas entidades e garantir o bom funcionamento do desporto no país após os fiascos na Copa do Mundo de Futebol em 1934 e nas Olimpíadas de 1936.⁵ Para todos os agentes sociais e atores políticos envolvidos nesse processo de disputa pela profissionalização, era certo que a pacificação das ligas seria a condição para o bom desempenho esportivo dos clubes e seleções nacionais. E a pacificação chegou após anos de redefinições de lideranças e rearranjos institucionais. No futebol carioca, o ano de 1937 marcou o fim dos grandes rachas nas ligas e inaugurou o futebol profissional no campeonato da cidade. Ao final dos anos 1930, o caminho institucional estava aberto para o futebol se organizar e se consolidar como o desporto mais popular do Brasil.

O êxito esportivo na Copa de 1938, a enorme recepção social que houve das transmissões dos jogos através do rádio e a manifestação popular de adoração aos jogadores quando o selecionado nacional regressou da Europa após o excelente terceiro lugar na competição internacional são fatores normalmente utilizados para demonstrar o sucesso do futebol nos primeiros anos de pacificação e profissionalismo. Mas apesar do sucesso da seleção de futebol, o cenário não se mostrava tão auspicioso nos torneios envolvendo os clubes da cidade. Mesmo com o inegável crescimento do futebol, ano após ano os campeonatos da cidade do Rio de Janeiro apresentavam os mesmos problemas: fórmulas de disputa desinteressantes, jogos desequilibrados, falta de estádios e, principalmente, públicos pequenos na maioria dos jogos.

Especialmente a partir do campeonato de 1940, começaram a aparecer nos jornais esportivos reflexões sobre a organização dos jogos e das

competições. No *Jornal dos Sports*, a animosidade entre as torcidas passava a ser um problema comentado. No dia 30 de junho, nos preparativos para o jogo Flamengo e Vasco, atendendo aos pedidos de líderes de torcida das duas agremiações, o jornal divulgou na página 07 as recomendações para que os torcedores ocupassem lados opostos no estádio de São Januário. Os vascaínos deviam ficar próximos ao relógio, enquanto os rubro-negros deviam entrar pelo portão 05. Essas orientações demonstravam como o problema da desorganização das torcidas já era visto como um dos fatores para a diminuição dos públicos nos estádios. Já *O Globo Sportivo* publicava ao final de cada turno as rendas e os públicos de todos os jogos disputados no período. Mais focado na questão do futebol como um negócio, o jornal da família Marinho era bastante atento às finanças do jogo. E o diagnóstico indicava que o público nos estádios estava diminuindo em 1940: “o campeonato teve um início promissor, com as rendas atingindo a mais de mil contos. Mas, no turno e no retorno as arrecadações decresceram muito”.⁶ No ano seguinte, em julho de 1941, a tendência de diminuição das rendas prosseguiu: “o turno do campeonato deste ano, apesar do acréscimo de nove matches, rendeu menos do que em 40”.⁷ Pior ainda foi o resultado do retorno, publicado em setembro:

Ao contrário do que era esperado, o retorno do campeonato rendeu menos que o turno. Enquanto na primeira fase do certame os jogos davam um total de 986:361\$100, no turno final da classificação, apenas rendia 901:699\$900. Agora que estamos nas vésperas da parte final do campeonato, é de se esperar que as receitas aumentem, embora quatro dos grêmios que vão intervir nas próximas rodadas não participem da marcação de pontos para o título de campeão.⁸

A percepção do estádio vazio fica evidente quando observamos a quantidade de pessoas que pagaram ingresso no campeonato de 1941. Nos jogos da fase final do torneio, somente o *FlaxFlu* teve mais de 18 mil pagantes. Fluminense e Vasco e Flamengo e Vasco tiveram pouco mais de 8 mil. Vasco e Botafogo pouco mais de 3 mil. Flamengo e Madureira, 1366. E Bangu e Madureira, 714 espectadores. Esses foram os públicos da fase final do torneio.⁹ Lembrando que em menos de dez anos depois, após a construção do Maracanã, os públicos giravam em torno de 50 mil pessoas em cada fim de semana, sendo mais de cem mil nos jogos decisivos. Mas notamos que o início da década de 1940 não apontava para um futuro tão vitorioso do futebol no Rio de Janeiro.

Tanto Roberto Marinho no *Globo Sportivo*, quanto Mario Filho no *Jornal dos Sports* haviam sido entusiastas do profissionalismo no futebol brasileiro. Os seus jornais foram agentes fundamentais no processo de pacificação da liga profissional e eles seguiram dedicados na formatação de um campeonato rentável e atraente. E no início dos anos 1940, o problema do torcedor no estádio definitivamente se tornou parte da agenda dos meios de comunicação especializados. Rentabilidade dos jogos e estádios vazios viraram questões a serem resolvidas pelo futebol brasileiro.

Em 28 de novembro de 1941, o *Jornal dos Sports* (JS) publicou na coluna “Críticas e sugestões” um relato contundente sobre as condições precárias dos campeonatos e sobre como o público, cada vez mais ausente dos estádios, não podia ser culpado pelo fracasso das rendas do torneio. Intitulada “Ninguém tem o direito de dizer que o público está cansado”, a coluna analisava os motivos que levavam ao afastamento do público, rejeitando qualquer tipo de explicação que estivesse relacionada com o desinteresse do torcedor pelo futebol. Segundo a opinião editorial do periódico, a culpa jamais podia ser do torcedor, e devia ser encontrada nos aspectos organizacionais do campeonato.

Quando se procura explicar o fenômeno do decréscimo de rendas, geralmente se repete uma frase desanimadora. Ouve-se, então, uma referência a cansaço — o cansaço do público. Muitos não pretendem ir mais longe. Se a pergunta foi respondida, para que insistir com outras interrogações? Acontece, porém, o seguinte, o público não se cansa. À primeira promessa de emoções fortes, ele enche os estádios.¹⁰

Segundo a análise do JS, dois fatores causavam o desânimo do torcedor apaixonado por futebol. O primeiro, o desequilíbrio dos times no campeonato, que fazia com que a maioria das equipes já estivesse eliminada ao final do primeiro turno. O segundo problema era a fórmula do campeonato, que se arrastava por quatro turnos, aumentando o desinteresse dos torcedores que não postulavam o título justamente na reta final do certame.

Pelo processo dos três turnos ou pelo processo dos quatro turnos o massacre das esperanças da maioria dos teams se torna inevitável. Há quadros que só resistem a um turno. Há outros que resistem a dois (...). Os torneios devem ser em dois turnos, porém, e só em dois turnos. Desde que se verificou que não bastava para resolver o problema da ativida-

de dos teams, o remédio estaria em inventar outra espécie de atividade independente do campeonato oficial, sem sacrificar o campeonato. O que se fez foi sacrificar o campeonato. Não pela prolongação dele e sim pela impossibilidade de estabelecer qualquer espécie de equilíbrio entre grandes e pequenos em três ou quatro turnos (...). Deve-se, contudo, traçar plano desde logo para que os clubes desanimados e desiludidos possam confiar, outra vez, em dias melhores. E não se fale em cansaço de público.¹¹

Já no ano seguinte, em 1942, antes do início do campeonato da Federação Metropolitana de Futebol (FMF), a reclamação pela falta de organização de um calendário de jogos capaz de atrair a atenção dos torcedores seguia nas colunas do jornal. O desinteresse pelos jogos extras de torneios menores que eram realizados antes do campeonato oficial era notável. E os clubes, além dos dirigentes da federação, também eram apontados como responsáveis pela crise da falta de público nos estádios: “ora, o homem da arquibancada, antes de comprar um ingresso, convence-se de que valerá a pena. O interesse dele está na razão direta do interesse dos clubes. Ele é um reflexo. Sendo assim, como ele poderia animar-se para assistir uma peleja do extra se os clubes eram os primeiros a afirmar que não valia a pena”?¹²

Diante do horizonte de crise do futebol carioca com os jogos inexpressivos nos primeiros meses do ano de 1942, uma nova mobilização foi feita pelos organizadores e pela imprensa esportiva da cidade para o início do campeonato da Liga profissional. Essa mobilização ocorreu em torno do “Torneio início”, disputa que servia para abrir o campeonato da cidade, com todos os jogos disputados no campo do Vasco da Gama, no estádio de São Januário. Em coluna destacada pela empolgação com o certame de 1942, havia a expectativa pelo incremento significativo das rendas dos jogos. Isso porque, “Há muitos anos não se observa tamanha expectativa em torno de um campeonato. A explicação sobre o aumento do interesse do público é fácil. Pela primeira vez, desde a criação da Liga de Football, os grandes clubes aparecem de fato como candidatos reais”.¹³ A questão do desequilíbrio dos times, que acarretava no abandono do campeonato por grande parte das equipes ainda no primeiro turno, parecia não ser o problema dessa temporada. Além disso, programas de rádio como o “Clube da Torcida”, produzido pela Rádio Clube do Brasil, estavam sendo criados para mobilizar os líderes das torcidas dos clubes a se organizarem para torcer nos jogos. O campeonato de 1942 representava, segundo a imprensa esportiva, um momento de guinada

do campeonato de futebol da cidade, com nova organização do calendário e com o estímulo para os torcedores frequentarem os estádios. Não à toa podemos observar o surgimento das primeiras torcidas organizadas de Vasco e Flamengo: a Legião da Vitória, do Vasco, e a Torcida Avante Flamengo, que mais tarde seria conhecida como Charanga do Flamengo. De fato, a questão das torcidas era de interesse dos empresários dos meios de comunicação esportiva e existia um incentivo direto para a participação e organização dos torcedores.

Mas, mesmo com o avanço na resolução dos entraves para o crescimento do público como o calendário organizado e o nivelamento dos times, outro grande problema ainda precisava ser resolvido. E logo esse grande problema começaria ser um empecilho para o desenvolvimento do futebol profissional na cidade: a condição ruim dos lugares destinados aos torcedores dos clubes nos campos de futebol.

Fora o estádio de São Januário, do Vasco da Gama, e o Estádio da Rua Álvaro Chaves, do Fluminense, o futebol do Rio não dispunha na década de 1940 de grandes estruturas para o público do futebol. Os outros clubes, em absoluta maioria, tinham arquibancadas acanhadas, feitas de madeira, e com poucas condições de segurança. O América na Campos Salles, o Bangu no campo da Rua Ferrer, o Bonsucesso em Figueira de Mello, o Canto do Rio no Caio Martins, além de Flamengo e Botafogo na zona sul da cidade, não tinham campos em condições de receber grandes públicos. E na medida em que o campeonato ficava mais equilibrado e mais desses times pleiteavam o título, mais jogos decisivos começavam a ser disputados nesses estádios sem estrutura.

A solução improvisada era jogar nos campos dos rivais. O próprio Flamengo, campeão de 1942 e já celebrado como o clube mais popular do Brasil, precisou jogar diversas vezes nos campos emprestados de Vasco e Fluminense, tornando o mando de campo neutro, fato que desagradava bastante os dirigentes do clube. Dos vinte e sete jogos disputados pelo rubro-negro, apenas nove foram realizados no campo da Gávea. E nos poucos jogos decisivos disputados na Gávea, a preocupação com o pouco espaço para os torcedores era flagrante. No *FlaxFlu* de 09 de agosto, a diretoria precisou lançar uma nota na imprensa avisando que “em função da excepcional concorrência”¹⁴ para o jogo, os sócios estavam impedidos de levar familiares e convidados para o clube. O campeonato de 1942 conseguia superar o problema da falta de interesse do público, mas passava a lidar com os limites físicos das praças desportivas.

Atento a essas limitações, ao final do campeonato de 1942, o Flamengo realizou uma reforma no estádio para melhorar a estrutura para os atletas e aumentar a capacidade de público. O aterramento da lagoa Rodrigo de Freitas foi ampliado e novos vestiários, além de duas novas quadras de tênis, foram construídos. E o mais importante para o clube: foi erguido um novo lance de arquibancadas. A matéria publicada no JS ressaltava a importância da obra para os torcedores: “O terreno recentemente aterrado já está firme, e dentro em pouco eleva-se nele uma sólida arquibancada de madeira com capacidade para cerca de cinco mil pessoas, o que aumenta consideravelmente as instalações destinadas ao públicos das gerais”.¹⁵

Se em 1942 o Flamengo jogou apenas 1/3 dos jogos no seu estádio, após a reforma da Gávea essa proporção aumentou significativamente. Em 1943, dos dezoito jogos, oito foram disputados na Gávea, quase a metade das partidas. Isso indicava que o clube estava mais atento aos seus interesses de mando de campo. Mas não apenas o Flamengo passava a se importar mais com esse fator. Os outros clubes da cidade também reivindicavam o direito de jogar nos seus estádios. A fórmula para a tragédia de 1943 estava pronta: times melhores, mais interesse do público, menos estádios em condições para o crescimento do futebol na cidade. O resultado lógico, segundo os jornalistas da época, ocorreu no dia 19 de setembro de 1943, na Rua Figueira de Mello, no bairro de São Cristovão.

“Parecia Londres depois de um bombardeio”: a queda da arquibancada do São Cristovão

Atendendo às expectativas, o campeonato da Federação Metropolitana de Futebol de 1943 começou com tudo! Ao final do primeiro turno, o resumo dos jogos publicado pelo *Globo Sportivo* celebrava o sucesso financeiro do campeonato: “os resultados financeiros do turno foram verdadeiramente ótimos, tendo ultrapassado no total geral à cifra de um milhão e duzentos mil cruzeiros”.¹⁶ Em termos desportivos, a matéria também destacava a competitividade do torneio: “o mais renhido campeonato dos últimos tempos”.¹⁷

Mas, na mesma edição de 13 de agosto, o jornal da família Marinho também alertava para o maior problema do futebol profissional carioca: a falta de espaço nos estádios. Na página dez da edição, seis fotografias de pessoas penduradas em árvores e espremidas para assistir ao jogo Vasco e América ilustravam a preocupação do autor do texto:

O football carioca tem tudo para enfrentar o bandeirante na corrida dos sucessos. Falta, porém, espaço nos campos para comportar as grandes torcidas. Com exceção do estádio vascaíno, onde as rendas podem passar dos cem ou duzentos mil cruzeiros, os demais clubes não conseguem arrecadações superiores. Este ano, mais do que nunca, o êxito do certame da cidade poderia ser dos mais brilhantes, mas não se encontra solução dada a intransigência de alguns dirigentes, que ainda não compreenderam perfeitamente o profissionalismo. No match America e Vasco, como no São Cristovão e America, prevaleceu o critério do 'mando' justificado pelo critério de que em casa se joga melhor. Os cinquenta mil de um e os oitenta mil de outro mostraram que grandes oportunidades foram perdidas.¹⁸

A falta de estádios espaçosos retratada como impedimento para o sucesso do futebol profissional. Essa era a tecla sempre batida pelos editoriais e pelas matérias dos maiores jornais da imprensa esportiva carioca, o *Jornal dos Sport* e o *Globo Sportivo*. E a solução para esse problema parecia já ser conhecida pela imprensa e pelos dirigentes da FMF: a construção de um estádio grande, neutro, capaz de suportar o público crescente do futebol profissional.

Um dia antes do jogo Flamengo e São Cristovão, em que ocorreu a queda da arquibancada, a coluna de críticas e sugestões do JS já era enfática sobre a necessidade de um novo estádio na cidade. A tragédia do dia seguinte veio apenas reforçar o discurso da imprensa carioca, apoiado pela Federação e pelos clubes, que associava a construção do novo estádio ao sucesso do futebol profissional.

Em várias oportunidades durante a temporada de 43, se procurou mostrar aos clubes que eles estavam trilhando um caminho errado quando insistiam em não compreender o profissionalismo como ele realmente é. O caso da localização dos grandes jogos em um estádio capaz de permitir rendas compensadoras, principalmente, tornou-se assunto obrigatório (...). Como ponto de partida para uma nova orientação profissional, os clubes já admitiram a necessidade de um local mais amplo para a realização dos seus clássicos. Pode parecer incoerente que, num momento de crise financeira, se pense em gastos extraordinários elevados, como serão os da construção de um estádio monumental (...). O fato é que a realidade já demonstrou a impossibilidade do football

profissional continuar sendo dirigido com a mesma mentalidade dos tempos do amadorismo, a ponto de se trocar centenas de milhares de cruzeiros por um simples mando de jogo.¹⁹

Em paralelo às críticas aos estádios pequenos do campeonato, o periódoico do jornalista Mario Filho fez uma cobertura entusiasmada do jogo entre Flamengo e São Cristovão. Na capa da edição do dia 19 de setembro, a manchete estampava: “todas as atenções esta tarde em Figueira de Melo.”²⁰ Afinal de contas, Flamengo e São Cristovão estavam na disputa do título com o Fluminense, e vinham de campanhas promissoras no primeiro turno. O clube alvo do bairro imperial já havia vencido o torneio municipal nos primeiros meses do ano e não figurava como surpresa para a imprensa especializada. Apenas uma ressalva era feita ao esquadrão do São Cristovão: não tinham reservas à altura dos titulares.

O Flamengo chegava para o jogo decisivo com todos os jogadores titulares à disposição. Apenas o atacante Perácio foi dúvida dias antes, mas confirmou presença na véspera da partida. O São Cristovão contava mais do que nunca com o seu mando de campo. Aliás, contestado mando de campo, pois as dimensões do estádio eram bastante reduzidas para o interesse que o jogo despertava. Mas o clube de São Cristovão tinha seus motivos desportivos. O próprio JS destacou na edição do dia do jogo que o mando de campo era um trunfo para os jogadores do São Cristovão, que conheciam cada palmo daquele campo e que podiam jogar de olhos fechados.²¹

É importante ressaltar que o São Cristovão não foi o único clube que exigiu o cumprimento do mando mesmo sem condições adequadas para receber o jogo. Tanto que por diversas vezes os jornalistas criticaram as decisões dos dirigentes que insistiam em jogar em campos menores. Também o América, o Bonsucesso, o Bangu, e o próprio Flamengo, como já foi dito, não abriram mão de jogar nos seus campos por motivos desportivos. De fato, depois da tragédia, o presidente do São Cristovão, Rodolpho Maggioli, acabou sendo apontado pela imprensa como um dos responsáveis pelo acidente. Mas essa era uma questão que ultrapassava o São Cristovão e envolvia problemas de toda a estrutura amadora defasada do futebol carioca.

O desabamento da arquibancada com os torcedores do Flamengo aconteceu aos 18 minutos do primeiro tempo. O estádio estava lotado e os torcedores rubro-negros se concentravam em torno da faixa com os dizeres “Avante Flamengo”, que em 1942 começou a ser utilizada pelo líder da torcida Jayme de Carvalho para identificar o local onde deveriam ficar os torce-

dores flamengos. Foi exatamente onde estava a maioria rubro-negra que a madeira quebrou e a arquibancada cedeu.

Personalidades como Mario Filho, Vargas Neto, presidente da FMF, e o escritor José Lins do Rego estavam presentes na tribuna de honra do estádio. Antes do desabamento, o Flamengo já tinha feito o seu primeiro gol, anotado por Vevé, após pegar o rebote de um chute do meio-campista Zizinho. Minutos depois, o jogador Nestor do São Cristovão avançou para dentro da área do Flamengo e disputou a bola com o zagueiro Domingos da Guia. Nestor caiu pedindo pênalti, mas o árbitro Durval Caldeira mandou o jogo seguir. Nesse momento, com a agitação dos torcedores causada pelo risco de penalidade máxima contra o Flamengo, um buraco se abriu na arquibancada e centenas de pessoas caíram e se amontoaram uma em cima das outras. A cerca caiu em cima dos policiais e os torcedores que não despencaram correram para os degraus de cima da arquibancada ou desceram para o campo, causando muita correria. O cenário foi descrito pelo jornalista Mario Filho como uma cena de cinema:

Só em cinema. O campo encheu-se de gente, gente que corria fugindo, gente que corria para fazer alguma coisa. Em um instante apareceram feridos carregados nos braços de populares, crianças, mulheres, torcedores, de todas as idades, de todas as categorias sociais. Eu vi Jayme [de Carvalho] chorando. A parte da geral que desabara era a parte do Avante Flamengo, da bandeira, os jogadores do Flamengo conheciam muitos dos torcedores que passavam nos braços dos soldados e dos populares. Eu perdi a noção do tempo. Onde eu vira aquilo? Só em cinema. No cinema, porém, a impressão não podia ser tão forte. Eu não via o sangue, não ouvia os gritos (...). A rua Figueira de Melo parecia uma Londres depois do bombardeio. Trinta ambulâncias se alinharam, carros do corpo de bombeiros, tudo que pudesse levar feridos.²²

Mais de duzentos feridos foram internados nos hospitais do centro da cidade. Apesar da magnitude do acidente, não houve registro de mortes. Mas o futebol da cidade do Rio de Janeiro saiu bastante machucado daquela situação. Os dias seguintes foram de intensos debates e algumas medidas foram tomadas para evitar a repetição daquelas cenas de filme de guerra.

A primeira das decisões foi a proibição dos jogos em campos com arquibancada de madeira. Segundo a decisão da chefia da polícia, a medida interditava os campos do São Cristovão, Bangu, América, Bonsucesso, Fla-

mengo e Canto do Rio. Os dois últimos possuíam partes da arquibancada feitas de cimento. Mas deviam fechar os setores feitos de madeira. No caso do Flamengo, isso significava interditar o setor inaugurado meses antes para ampliar a capacidade da Gávea.

Essa medida acarretou uma série de problemas para a finalização do campeonato, pois os clubes afetados precisaram negociar a alteração dos mandos de campo com os adversários. O primeiro jogo a sofrer alteração de mando foi o próprio Flamengo e São Cristovão, que precisava ser finalizado. O jogo foi transferido para São Januário, campo neutro, e encerrado dois dias depois, com o empate em 1 a 1. A nota interessante desse jogo é que ficou decidido pela FMF e pelos clubes que os ingressos seriam cobrados no estádio do Vasco a fim de arrecadar fundos para as vítimas do desabamento que estavam hospitalizadas. Mais de trinta mil pessoas pagaram ingressos para ver a continuação do jogo e isso foi muito exaltado por Mario Filho como a demonstração da grandeza dos torcedores de futebol, que foram solidários e aceitaram pagar novamente. Aliás, mesmo no momento do acidente, a conduta dos torcedores foi bastante elogiada pela imprensa. Quando o jogo foi cancelado pelo dirigente Vargas Neto, minutos depois da queda, todos os torcedores presentes no estádio concordaram com o cancelamento do jogo.

Para além das interdições dos estádios com arquibancadas de madeira, a imprensa passou a se dedicar a outro problema. O debate sobre a construção de um novo estádio monumental, neutro, para abrigar os clássicos nos moldes do estádio do Pacaembu em São Paulo ganhou mais força ainda após o desabamento da arquibancada do São Cristovão. Se antes o estádio municipal era um sonho do futebol profissional, a partir daquele acontecimento ele passou a ser uma necessidade. “O football não tem culpa”²³, afirmava Mario Filho nos dias seguintes ao desabamento. O futebol precisava sair fortalecido da tragédia.

A construção do Estádio Municipal: para o desporto carioca, para o progresso da cidade

Está consolidado no imaginário social do Rio de Janeiro que o estádio Mario Filho, o Maracanã, foi construído para a Copa do Mundo de 1950. Sem dúvidas, as condições objetivas para a realização das obras estiveram associadas ao torneio internacional. A decisão da FIFA de realizar a Copa do Mundo no Brasil tomada em 1946 foi determinante para que o projeto de um

grande estádio na capital federal saísse do papel em 1947 e começasse a ser executado.

Mas a ideia de um grande estádio nos moldes do que se tornou o Maracanã, que fosse neutro, central na cidade do Rio de Janeiro e que servisse para os grandes clássicos de futebol e para os eventos sociais não era novidade em 1946. A campanha pelo estádio municipal foi gestada no momento de crise dos públicos do futebol carioca, e não surgiu relacionada à necessidade de um estádio para sediar um torneio de seleções. A campanha que surgiu em 1943 reivindicava o estádio municipal como uma obra ligada ao progresso do futebol e da cidade do Rio de Janeiro, mesmo antes de se pensar em Copa do Mundo.

O desabamento da arquibancada do São Cristovão fez acelerar as articulações políticas pela construção do estádio, que já existiam desde o início do ano de 1943. Na mesma edição em que fazia a cobertura da queda da arquibancada, o JS fez questão de destacar que já alertava sobre o problema: “Uma campanha do Jornal dos Sports cuja razão de ser foi comprovada. Como em várias oportunidades se chamou atenção dos clubes para a acomodação do público”.²⁴

O tom retrospectivo dos textos do jornal reforçava a ideia do “eu avisei”, presente nas críticas aos clubes. E as opiniões expressas na coluna “críticas e sugestões” foram enfáticas sobre a responsabilidade dos clubes e sobre o alerta feito pela imprensa:

Na verdade, o football carioca poderia ter dispensado a experiência amarga de domingo (...). Não é mesmo possível responsabilizar este ou aquele pelo que sucedeu, pois a verdade é que até agora a mentalidade reinante era a de respeitar, custasse o que custasse, o ‘mando’ dos jogos fixado pela tabela. E ninguém se mostrou disposto a fazer concessão nesse sentido (...). Naturalmente esperava-se que, por um milagre, arquibancadas feitas para um determinado número de espectadores, viessem a suportar o peso em dobro (...). O milagre, todavia, não se verificou, e agora o remédio é concordar que a razão estava com aqueles que se batiam por uma nova política no football profissional.²⁵

Mesmo adotando uma tática oportunista ao usar um fato conveniente para reforçar seus projetos para o futebol carioca, a opinião editorial do jornal não deixava de ter razão. Em maio de 1943, a mesma coluna já clamava pelo apoio popular ao estádio, fazendo a comparação com a estrutura do

futebol paulista, que tinha estádios para grandes públicos. Um mês depois, em 30 de junho, a capa do jornal destacava a reunião que seria feita entre os clubes e a FMF para tratar da construção de um estádio nos moldes do Paca-embu. Segundo Mario Filho, essa era uma ideia que deveria “ser recebida de braços abertos pelos clubes”.²⁶ Na mesma edição, o periódico publicou que o presidente do Flamengo, Dario de Melo Pinto, era o mais empolgado entre os presidentes de clube, e que ele havia participado de uma palestra com o prefeito Henrique Dodsworth sobre o assunto. Porém, em agosto, Mario Filho publicou na coluna “críticas e sugestões” que não compreendia porque os clubes estavam tão desanimados com a ideia do estádio municipal.²⁷ Apenas o presidente do Flamengo mantinha o mesmo interesse, mas nem mesmo uma nova reunião havia sido realizada para tratar do tema. Segundo análise veiculada pelo jornal, os clubes pareciam estar mais dispostos a aumentar as suas próprias instalações, em vez de esperar pela construção de um campo neutro.

Entre agosto e o final de setembro, o assunto saiu das páginas do jornal. Mas, quando houve a comoção popular com a tragédia no campo do São Cristovão, o momento se tornou propício para a imprensa mobilizar os atores políticos dos governos municipal e federal em prol da construção de um estádio moderno. A partir da queda da arquibancada, a estratégia deixou de ser apenas convencer os clubes com o discurso do profissionalismo. O objetivo passou a ser associar o estádio ao progresso da cidade.

Em 30 de setembro o prefeito Henrique Dodsworth se manifestou na imprensa pela primeira vez sobre o projeto do estádio. Os números eram grandiosos. Como forma de reconhecimento, a FMF inaugurava o retrato do prefeito, ao lado do Presidente Getúlio Vargas, no salão principal do prédio da federação. O prefeito Dodsworth anunciou até mesmo os engenheiros responsáveis pelo projeto: Raul Penafina e Enéas Silva, ambos do quadro de servidores federais. De acordo com as diretrizes do projeto:

A obra de linhas modelares, abrangendo uma área de 260 metros por 250. Conterá assim, piscinas, quadras de tênis, rink de basketball, ginásio e ring para boxe (...). Outro detalhe importante é o que se prende ao número de espectadores que o estádio poderá comportar. Nada menos do que 120 mil pessoas sentadas. Será assim, uma maravilhosa construção da prefeitura para o maior desenvolvimento do esporte da cidade.²⁸

Na mesma solenidade, o presidente da Federação Metropolitana de Futebol, Vargas Neto, também expressou que o estádio estava articulado ao

crescimento da cidade, e não apenas ao futebol: “o Rio de Janeiro não poderia ficar na retaguarda do progresso”.²⁹

A previsão para o encerramento das obras era otimista: no máximo até o fim de 1944. Tal otimismo se justificava pelo apoio lançado pelo presidente da República, Getúlio Vargas. Assim como na época dos rachas nas ligas por conta dos embates entre profissionais e amadoristas, a figura do presidente foi convocada e celebrada pela imprensa esportiva como forma de promover o avanço do desporto brasileiro. O apoio estatal era visto pelos agentes da imprensa como condição para o desenvolvimento do futebol.

Em 1943, o papel do Estado Nacional como o organizador das relações sociais e promotor do desenvolvimento econômico era central. Os postulados nacional-desenvolvimentistas e a invenção do trabalhismo brasileiro³⁰ encontravam no esporte, especialmente no futebol, lugar privilegiado para a realização das suas diretrizes modernizadoras. Por um lado, o sucesso do futebol era associado ao desenvolvimento de uma sociedade moderna e industrial, capaz de ingressar no *hall* das nações civilizadas do mundo ocidental. Por outro, o discurso do trabalhismo se consolidava em torno do protagonismo do trabalhador urbano, visto como o agente social primordial para o desenvolvimento da Nação. O estádio municipal cumpria, assim, os fundamentos de uma Nação moderna: expressava a grandiosidade e o progresso do Estado nacional-desenvolvimentista através de grandes obras da engenharia; e garantia o lugar de pertencimento simbólico do trabalhador no processo de modernização do país: a arquibancada do campo de futebol, lugar de encontro e realização do brasileiro.

Na capa da edição do dia 02 de outubro, o *JS* publicou que o estádio municipal era uma aspiração do presidente Vargas, e usou exclamação para reforçar o recado. Aliás, com a entrada do governo federal no processo de construção do estádio, a questão ultrapassava os limites da municipalidade e se tornava nacional:

o pleclaro chefe da Nação proclamou sempre a necessidade de se fornecer aos aficionados do desporto carioca um praça de esportes traçadas segundo as linhas mais modernas, o prefeito Dodsworth em sua faina de sempre melhorar o aspecto geral da cidade, esperou uma ocasião propícia para das os primeiros passos nesse sentido: Virá o Estádio Nacional.³¹

Ao longo da campanha pelo estádio municipal, muitos elementos desportivos foram evocados a fim de legitimar a construção na nova praça de esportes. A importância de um campo neutro, com medidas padronizadas, e com espaço para mais torcedores, eram propagandeados pela imprensa como condições para o futebol do Rio de Janeiro se profissionalizar e superar o de São Paulo. Mas após o desabamento em São Cristóvão, o novo estádio se tornava mais do que um fator desportivo. As arquibancadas de madeiras se tornaram o símbolo do atraso, do amadorismo, do passado carioca. Em contrapartida, o novo estádio se tornava o símbolo do progresso do futebol nacional.

Em reunião realizada no dia 26 de outubro de 1943, no palácio do Catete, sede do governo federal, os presidentes dos clubes e os dirigentes da FMF ouviram do presidente uma promessa ainda mais imponente. Vargas indicou a necessidade de se construir dois estádios, um municipal e outro nacional. Com entusiasmo, Mario Filho publicou na coluna “críticas e sugestões” do dia 27 de outubro seus agradecimentos ao presidente da República.

Poucas vezes um Chefe de Estado há de ter demonstrado tanto desejo de auxiliar e prestigiar os desportos como o tem feito sempre o presidente Getúlio Vargas. Dentro do seu feitio de inteirar-se, nos menores detalhes, dos problemas e das necessidades do povo que dirige, o presidente Vargas incluiu também os desportos no campo imenso das suas observações pessoais e por isso não se estranha que, em diversas oportunidades, o Chefe da Nação se mostre perfeitamente identificado com as necessidades desportivas do Brasil e procure atendê-las dentro das possibilidades orçamentárias e dentro do espírito de equilíbrio que é o segredo de todas as boas administrações. É o caso, por exemplo, da próxima construção do Estádio Municipal e do Estádio Nacional, duas obras de vulto, destinadas a enriquecer o patrimônio desportivo do Brasil e da sua capital e que vem tendo a bafeja-las o interesse pessoal do mais alto magistrado da nação, como ainda ontem ficou demonstrado quando foram recebidos, no Catete, os presidentes dos clubes cariocas. O presidente faz o que o povo faria em seu lugar.³²

Mais do que um campo para sediar a Copa do Mundo, o projeto de construção de um estádio no Rio de Janeiro gestado em 1943 por imprensa, clubes, FMF e governos municipal e federal, tinha como objetivo erguer um símbolo do progresso nacional e um lugar de reconhecimento e diálogo entre

Estado-nação e sociedade. O torcedor, o trabalhador urbano, teria no estádio o lugar de reconhecimento do protagonismo. E o futebol, ao se profissionalizar, se tornaria um exemplo bem-sucedido da modernidade brasileira.

A queda da arquibancada de madeira, metáfora do atraso, se tornou um ponto de inflexão importante. Expôs o anacronismo dos pequenos campos com degraus de madeira em tempos de progresso do desporto e do país, e municiou os defensores do estádio com argumentos de cunho político e social.

Esse estádio, que chegou a ser apresentado em maquetes nos jornais, não saiu do papel em 1944. Foi preciso que a realização da Copa do Mundo no Brasil em 1950, decidida no ano de 1946, desse o pontapé inicial para as obras em 1947. Mas nessa ocasião, estavam lá prontos para defender a grandiosidade e os significados sociais do estádio os mesmos agentes sociais que anos antes iniciaram o debate sobre os públicos nos estádios de futebol. Com destaque, sem dúvidas, o jornalista Mario Filho.

O estádio municipal, inaugurado em 1950 e que hoje é batizado com o nome do seu maior entusiasta, foi a grande estrela da Copa do Mundo de 1950. Apesar da derrota brasileira, ele se tornou o símbolo da magnitude do futebol no Brasil: 200 mil pessoas em silêncio, sofrendo com a derrota, uma metáfora dramática da pátria.

Mas se ele foi estrela da Copa, por outro lado, ele não foi construído apenas para ela. O estádio do Rio de Janeiro em seu projeto inicial indicava a disposição do Estado Nacional em dialogar com os agentes da sociedade civil. Em outros termos, ele surgiu do esforço de inclusão e interação social dos torcedores, imprensa e Estado a partir de um pacto social que entendia as camadas populares como os verdadeiros representantes da modernidade brasileira. Mais do que um estádio para a Copa do Mundo, o estádio municipal surgiu para ser o lugar das multidões historicamente esquecidas no Brasil. Coube a Mario Filho decifrar como ninguém os significados do projeto:

Desse modo, quando, mais tarde, as multidões se reunirem nas monumentais praças desportivas que em breve se erguerão, para celebrar as suas maiores festas, a homenagem de ontem não deve ser esquecida, como o marco de uma era de entendimento mais amplo entre o poder público e o desporto.³³

Notas

1 ASSAF, Roberto. **Grandes jogos do Flamengo**: da fundação ao hexa. São Paulo: Panini Books, 2010.

2 <<https://www.letras.mus.br/geral-do-vasco/o-balance-balance/>>. Acesso em 17/05/2020.

3 <<https://www.lance.com.br/brasileirao/anos-uma-tragedia-acontecia-final-brasileiro-maracana.html>>. Acesso em 10/05/2020.

4 Sobre o assunto, ver: DRUMOND, Maurício. **Estado Novo e esporte**: a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1940-1945). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014; NAPOLEÃO, Antonio Carlos. “História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941)”. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da & SANTOS, Ricardo Pinto dos (Orgs.). **Memória social dos esportes**, vol. 2. Rio de Janeiro: Mauad, 2006; PEREIRA, Leonardo Affonso. **Footballmania**: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000; COUTINHO, Renato Soares. **Um Flamengo grande, um Brasil maior**: O Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014; SOUZA, Denaldo Alchorne. **O Brasil entra em campo**: construções e reconstruções da identidade nacional. São Paulo: Editora Annablume, 2008.

5 Sobre os embates nas ligas desportivas, ver: NAPOLEÃO, Antonio Carlos. “História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941)”. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da & SANTOS, Ricardo Pinto dos (Orgs.). **Memória social dos esportes**, vol. 2. Rio de Janeiro: Mauad, 2006

6 **Globo Sportivo**, 27 dez. 1940, p. 2.

7 **Globo Sportivo**, 04 jul. 1941, p. 2.

8 **Globo Sportivo**, 5 set. 1941, p. 2.

9 **Globo Sportivo**, 24 out. 1941, p. 10.

10 **Jornal dos Sports**, 28 out. 1941, p. 2.

11 Idem.

12 **Jornal dos Sports**, 07 fev. 1942, p. 2.

13 **Jornal dos Sports**, 29 mar. 1942.

14 **Jornal dos Sports**, 09 ago. 1942, p. 11.

15 **Jornal dos Sports**, 13 nov. 1942, p. 6.

16 **Globo Sportivo**, 13 ago. 1943, p. 13.

17 **Globo Sportivo**, 13 ago. 1943, p. 12.

18 **Globo Sportivo**, 13 ago. 1943, p. 10.

19 **Jornal dos Sports**, 18 set. 1943, p. 2.

20 **Jornal dos Sports**, 19 set. 1943, capa.

21 **Jornal dos Sports**, 19 set. 1943, p. 6

22 **Jornal dos Sports**, 21 set. 1943, p. 4.

23 **Jornal dos Sports**, 21 set. 1943, p. 4.

24 **Jornal dos Sports**, 21 set. 1943, p. 3.

25 **Jornal dos Sports**, 21 set. 1943, p. 2.

26 **Jornal dos Sports**, 30 jun. 1943, p. 2.

27 **Jornal dos Sports**, 08 ago. 1943, p. 2.

28 **Jornal dos Sports**, 30 set. 1943, p. 3.

29 **Jornal dos Sports**, 03 out. 1943, capa.

30 GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: FGV, 1988.

31 **Jornal dos Sports**, 02 out. 1943, p. 3.

32 **Jornal dos Sports**, 27 out. 1943, p. 3.

33 **Jornal dos Sports**, 27 out. 1943, p. 3.

Bibliografia

ASSAF, Roberto. **Grandes jogos do Flamengo**: da fundação ao hexa. São Paulo: Panini Books, 2010.

_____. **História dos campeonatos cariocas de futebol 1906-2010**. Rio de Janeiro: Maquinária, 2010.

BASTOS, Pedro Paulo Zaluth & FONSECA, Pedro Cezar Dutra. (Orgs.). **A era Vargas**: desenvolvimentismo, economia e sociedade. São Paulo: Unesp, 2012.

COUTINHO, Renato Soares. **Um Flamengo grande, um Brasil maior**: O Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

DRUMOND, Maurício. **Estado Novo e esporte**: a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1940-1945). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**: Historiografia e História. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: FGV, 1988.

GOMES, Angela de Castro. “Autoritarismo e corporativismo no Brasil: o legado de Vargas”. In: **Revista USP**, São Paulo, n. 65, mar.-mai. 2005.

NAPOLEÃO, Antonio Carlos. “História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941)”. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da & SANTOS, Ricardo Pinto dos (Orgs.). In: **Memória social dos esportes**, vol. 2. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

PEREIRA, Leonardo Affonso.

Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro, Mauad, 2003.

SILVA, Marcelino Rodrigues. **Mil e uma noites de futebol:** o Brasil moderno de Mario Filho. Minas Gerais: Editora UFMG, 2006.

SOUZA, Denaldo Alchorne. **O Brasil entra em campo:** construções e reconstruções da identidade nacional. São Paulo: Editora Annablume, 2008.

Fontes

Jornal Globo Sportivo, Rio de Janeiro, de 1940 a 1944. Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, de 1940 a 1947. Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

Recebido em: 21/05/2020

Aprovado em: 11/07/2020